

## A história das invenções

Monteiro Lobato\*

Dona Benta riu-se de novo e continuou:

— Pois é isso, meus filhos. Estamos vivendo num período muito interessante do mundo. A mão do homem adiantou-se demais neste nosso século, desenvolveu-se demais, multiplicou de tal modo a sua eficiência que o cérebro ficou na bagagem, lá longe. Há miolo já muito adiantado nos grandes homens, isto é, nos inventores, nos pioneiros e nos que compreendem; mas a massa geral do cérebro humano está hoje séculos atrás da mão. Van Loon diz que mecanicamente vivemos neste ano de 1935, mas espiritualmente, ainda muito perto dos peludos. É que a mão pioneira veio correndo com a velocidade, suponhamos, de cem quilômetros por hora e o cérebro das massas caminha com velocidade de dez apenas. Noventa e cinco por cento dos homens de hoje são peludos que andam de automóvel e ouvem músicas pelo rádio. Só isso explica horrores como a Grande Guerra. Nessa guerra, que é que o homem revelou? O mesmo peludo que nos tempos antigos andava de machado de pedra em punho a partir o crânio dos semelhantes. O ato foi o mesmo. Só variaram os meios de realizá-lo.

Em vez de tacapes, machados, flechas e lanças com que o peludo aumentava o poder agressivo das suas mãos, o homem moderno se estraçalhou durante quatro anos por meio de canhões, metralhadoras, gases venenosos, torpedos, bombas aéreas, na maior matança da história. E por muitos séculos as coisas ainda continuarão assim. A mão não cessa de aperfeiçoar-se com velocidade sempre maior, mas o progresso moral tem a lentidão das lesmas. Havemos de ter

**Observação:** compilação de parte da publicação de Monteiro Lobato, *A história das invenções*.

**Objetivos:** texto indicado como leitura complementar da disciplina **O que é Ciências** do curso de Pós Graduação *Lato Sensu em Ensino e Aprendizagem das Ciências Naturais- modalidade EAD - Universidade Católica de Brasília*.



Monteiro Lobato (1882-1948), nasceu em Taubaté, São Paulo. Foi escritor de livros infantis, artigos, crônicas e críticas. Era considerado um escritor polêmico devido à suas idéias sobre a arte e política, por exemplo.

outras matanças ainda mais terríveis. A futura guerra mundial vai pôr num chinelo a de 1914, porque de 1914 para cá a mão tem feito progressos tremendos – e o progresso moral até parece que diminuiu a velocidade da sua marcha de lesma.

– Mas isso é um horror, vovó!

– E que tem que seja horror? É o que é. É o que pode ser. É o que tem de ser. E quanto mais horroroso for, melhor. O meio de dar velocidade ao cérebro das massas é cutucá-lo vivamente com o espeto de um grande horror. Lembre-se daqueles horríveis derrames de gelo dos períodos glaciais. Foi o melhor chicote para o cérebro do peludo. Aprendeu a pensar mais depressa. Progrediu. Os horrores da guerra moderna e das crises econômicas causadas pela estupidez da mentalidade reinante são verdadeiros períodos glaciais que hão de produzir os mesmos efeitos. Mas os períodos glaciais eram catástrofes resultantes da natureza. Hoje a natureza está completamente dominada pela mão do homem. Contra o frio temos as mil coisas que a mão criou para nos abrigar. Contra a fome temos os transportes rápidos que levam os alimentos dum país para outro, por mais afastados que sejam. A Argentina pode alimentar com seu trigo uma cidade dos antípodas onde haja escassez de alimento. Em dias um vapor despejará nessa cidade o trigo argentino. Contra as pestes temos a higiene. Contra todas as calamidades naturais temos as defesas criadas pelas invenções. Entretanto, contra as calamidades que o cérebro ainda atrasado desencadeia a mão nada pode fazer, porque o cérebro, como senhor dela que é, põe essa pobre escrava a serviço da sua estupidez e maldade.

– Qual o jeito, então?

– O jeito é tornarem-se essas calamidades tão grandes que o cérebro humano abra os olhos e veja – e compreenda afinal!... Mesmo assim a vida do homem de hoje não se compara com a vida do homem de outrora. Os benefícios das invenções já se estendem a quase todos os habitantes do planeta. O mais humilde operário moderno goza de comodidades que seriam sonhos para os antigos reis. A escuridão, que era um dos pavores do peludo, está se acabando. Todas as casas iluminam-se à noite. Temos as ruas clareadas pelas lâmpadas elétricas – e nos países mais adiantados até as estradas de rodagem são iluminadas à noite. O rádio está ao alcance de todos. . .

– Como, ao alcance de todos, se só quem tem dinheiro pode comprar um rádio?

– Mas não é preciso ter dinheiro para ouvi-lo. Sempre que o nosso apanha as músicas de Pittsburgh, as famílias do Zé Pichorra, do Totó, do Quizumba – todas que moram e trabalham aqui no sítio – vêm sentar-se aqui no terreiro e ouvem-no tão bem quanto nós. Se o Imperador Carlos Magno quisesse ouvir um concerto executado em outro continente, poderia?

– É verdade, vovó. E os camaradas aqui no sítio ainda tomam sorvetes nas tardes de calor, e recebem cartas pelo correio, e vão ao cinema aos domingos. O pobre Carlos Magno nunca viu sorvete, nem fita...

— Sim. Nas casas mais humildes encontramos sempre alguns dos tais produtos da invenção humana que tanto facilitam a vida. Aqui, por exemplo, na nossa, que é uma simples casa de sítio. Quanta comodidade as invenções nos trouxeram! Temos, além desse maravilhoso rádio, o lampião belga, a batedeira de ovos de Tia Nastácia, as ferramentas de Pedrinho — as verrumas, a maquinazinha de furar ferro, o rebole em que ele "desamola" as minhas tesouras; temos as tesouras; o ferro de abrir latas; a máquina de costura; a pena, a tinta e o papel por meio dos quais fixamos nosso pensamento e Emília escreve as suas memórias, o facão da cozinha. . .

— Temos os livros!

— Sim, os livros onde os homens de imaginação e cultura fixaram suas idéias. Temos a Enciclopédia Britânica, onde toda a Ciência humana está concentrada. Temos os quadros das paredes — a arte. Temos a máquina fotográfica de Pedrinho, que me obriga volta e meia a posar com cara de riso. Temos os jornais que o correio nos entrega todos os dias com as novidades do mundo inteiro.

— Temos o varal de roupa. . .

— Sim, temos esse fio de ferro chamado arame, recoberto duma camada de estanho para não enferrujar. Temos os pregos que Pedrinho prega. . .

— Temos o Visconde, que é um sabugo científico. . .

— E temos finalmente a Emília — concluiu Dona Benta. — O poderoso monarca que foi o pobre Carlos Magno, se ressuscitasse e entrasse aqui, havia de assombrar-se da nossa riqueza, ficando bobo diante do rádio, do ferro de abrir latas, do jornal, da Emília, de tudo. . . Isso mostra que graças às invenções a vida humana vai sempre ganhando em comodidades e facilidades. Somos riquíssimos, se nos compararmos ao mais rico dos romanos. O que há é que ainda não acertamos um meio de vida que faça as invenções beneficiarem a todas as criaturas igualmente. E a maior das invenções humanas vai ser essa: um sistema social em que todos tenham de tudo.

---

\*Fonte: Lobato, M. **A história das invenções**. São Paulo: Circulo do Livro, 1935, pags 75-78.

---